Escolas
para quê?

Artur Manso

ESCOLAS PARA QUÊ?

ENSAIO SOBRE A PEDAGOGIA INDOLENTE

estrategias **c**riativas

Sumário

Antelóquio 9

Capítulo 1
Escola, ócio e tempo livre 13

Capítulo 2
Abandono e insucesso escolar 25

Capítulo 3
Educação moral e civica 31

Capítulo 4
Escola e violência 43

Capítulo 5
Escola democrática e ensino escolar 51

Capítulo 6
Uma didática para o terceiro milénio 63

Capítulo 7
Educação e formação profissional 73

Capítulo 8
O lugar da sabedoria na escola atual 79

A encerrar 91

Anteléquio

Nós hoje, na maior parte das escolas, o que fazemos é criar cabeças cúbicas. E nós como perdemos essa memória do cúbico, o que dizemos é que a maior parte das vezes, a pessoa sai da escola sendo uma besta quadrada.
Agostinho da Silva

O presente ensaio sobre o lugar da escola na sociedade contemporânea apresenta um percurso que foi sendo construído ao longo dos anos e apresentado publicamente em diversos fóruns da especialidade. Agora, naturalmente, careceu de actualização, mas o essencial mantêm-se. Com o passar do tempo adensou-se pela minha parte a necessidade de reflectir o espaço de uma escola que de facto se institua como do tempo livre, que foi para isso que nasceu. Como se pode conferir, por exemplo, no Dicionário Houaiss escola deriva do grego skholê cujos significados são "descanso, repouso, lazer, tempo livre, estudo, ocupação de um homem com ócio, livre do trabalho servil, que exerce profissão liberal", isto é, uma ocupação voluntária e livre, cuja frequência não pode nem deve ser obrigatória. A esta definição tem que se associar, naturalmente, o sentido primitivo do pedagogo, como aquele que não ensinando, apenas conduz as crianças ao local de ócio, entregando-as à exploração do mundo e acalentando-lhes, ainda que indirectamente, o desejo por mais conhecimento. Atente-se na diferença: o pedagogo do qual derivou o actual professor, não ensinava, acompanhava a criança que em plena liberdade satisfazia a sua curiosidade em contacto com a realidade, aprendendo, assim, da forma mais natural que era possível; os professores seus herdeiros, nas escolas da tradição ocidental, democráticas e obrigatórias, não conduzem a lado nenhum, reproduzem apenas o que anteriormente aprenderam, repetem saberes que os alunos são obrigados a decorar e redizer até à saciedade ao longo de anos, em múltiplos testes e avaliações infindáveis. O professor passou a ser um técnico como outro qualquer e a sua grandeza já não lhe

advém de ser um humanista e por isso, estar em posição privilegiada para dialogar e transmitir os traços essenciais em que as comunidades continuam a assentar as suas práticas. O sentimento que o liga à humanidade já não é o de contribuir para a elevação da vida em comum mas sim de ajudar a formar profissionais tecnicamente capazes.

No início dos anos sessenta do século XX Georges Gusdorf publicou um longo ensaio intitulado na tradução portuguesa *Professores para quê?* onde aborda o ensino e a aprendizagem sob a perspectiva do mestre e do discípulo e eu, agora, quero deixar algumas reflexões em torno da parte oculta que complementa a interrogação do epistemólogo francês, ou seja, *Escolas para quê?*. Naturalmente, não me irei ocupar de edifícios e pessoal, nem discutirei o serviço inigualável que as instituições escolares prestam ao progresso individual e social, assumindo-se verdadeiramente como instrumentos de maior igualdade entre as pessoas e os povos. Evitarei, ainda, tecer considerações sobre o gigantesco negócio em que a escolaridade se transformou, sustentado de forma por vezes escandalosa com os recursos públicos e as economias familiares, mesmo que considere que a intransigente defesa da escola essencialmente pública por todos os envolvidos, radica num interesse egoísta dos que a servem e vivem desse negócio. Terei em atenção o modelo que vigora em Portugal que é idêntico a tantos outros Estados democráticos de matriz ocidental que tornaram em lei a obrigatoriedade da escolarização e seguirei o ideário de Agostinho da Silva quando afirmava que "Todas as reformas de ensino vão sempre naturalmente no sentido de tornar a escola mais eficiente, não no sentido de a eliminar; no sentido de mostrar às crianças toda a majestade de saber do adulto, em lugar de lhes descobrir o quanto eles ignoram; no sentido de lhes incutir o ânimo que é sempre o adulto que têm de imitar, nunca no sentido de solicitar que ensinem elas ao adulto como pode ele restabelecer a aliança quebrada" (Silva, 1999: 202). Na verdade, o erro maior na análise ao ensino e à educação reside no facto de as instituições educativas, todas elas, se dirigirem às crianças e aos jovens sem qualquer preocupação de descobrir o melhor que têm e podem dar, obrigando-as a imitar desde cedo a vida dos adultos. De espaço de vida livre, as escolas tornaram-se locais para ensinar a reproduzir o que lhes há-de ser exigido quando alcançarem a idade adulta.

A posição que defendo é clara: a escola deve ser obrigatória para ensinar a ler, escrever, contar, bem como para divulgar os instrumentos básicos da tecnologia e difundir os conhecimentos rudimentares da língua franca em

que se tornou o inglês, o que ocupará os primeiros 12 ou 13 anos de vida de cada um. A partir dessa idade e porque não é aconselhável deixar as gerações mais novas entregues a si mesmas, tendo sido este um dos problemas que levou à universalidade da escola, os cada vez mais sofisticados espaços de ensino e aprendizagem devem acolher toda a gente, mas sem a obrigatoriedade, como até aqui, de frequentarem de igual modo, um determinado currículo. Aos que livremente escolherem a formação científica, técnica, humanística ou artística, as escolas devem proporcionar-lha no mais alto nível, a todos os outros deve ser facultada uma diversidade de ofertas que realizem os seus desejos, quer seja no desporto, teatro, cinema, literatura, jardinagem, culinária, agricultura, jogos virtuais, pois entendo que a razão de ser da escola é garantir o exercício da liberdade num espaço comum onde cada um se possa realizar. A escola tem de ser um local de acolhimento dos indivíduos que lhes possibilite vadiar pela vida até que se encontrem em algum lado e a escolarização deve servir para continuar a promover os tempos livres e criativos da infância e não como tem sido prática habitual, levar ao seu esquecimento e desaprendizagem. A passagem da criança a adulto não pode ser mediada por um acto contra a natureza do indivíduo imposto pela força e por isso contrário à total liberdade que lhe é congénita. A escola universal é um instrumento imprescindível para o progresso das sociedades actuais, mas a organização monolítica em que se encontra imersa é incompatível com os interesses de cada um. Deixo na expressão poética de Miguel Torga, uma ideia da *Pedagogia* que melhor servirá ao indivíduo no seu trânsito entre a meninice e a idade adulta.

Brinca enquanto souberes!
Tudo o que é bom e belo
Se desaprende...
A vida compra e vende
A perdição,
Alheado e feliz,
Brinca no mundo da imaginação,
Que nenhum outro mundo contradiz!

Brinca instintivamente
Como um bicho!
Fura os olhos do tempo,
E à volta do seu pasmo alvar

De cabra-cega tonta,
A saltar e a correr,
Desafronta
O adulto que hás-de ser!

Este é o desejo que me move: que a educação, em todas as suas dimensões e nas diversas fases em que ocorre, mesmo que reduzida a uma mera técnica, sirva apenas e só para que o espírito da criança prevaleça na vida do adulto em que se há-de tornar.